

# Resenha

## BIOGRAFIAS MUSICAIS BRASILEIRAS

Por Paulo Camargo

### Biografia

Paulo Camargo é curitibano, formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná em 1990. Atua como jornalista há 18 anos e já passou pelas redações de jornais como O Estado Paraná e Folha de S. Paulo. Desde 2002, é editor do Caderno G (Cultura) da Gazeta do Povo, onde trabalha há 12 anos. Mestre em Estudos sobre Cinema pela Escola de Comunicação da Universidade de Miami (Flórida - EUA - 2002), Camargo ministra cursos de pós-graduação na área de audiovisual na PUCPR, Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Em 2007, tornou-se professor do curso de graduação em Jornalismo da Unibrasil

Se Paulo Cesar Araújo, autor do livro *Roberto Carlos em Detalhes*, sofreu um revés e tanto quando a Justiça determinou a proibição e retirada do mercado da sua obra, o filão das biografias de nomes da música nacional alcançou grande repercussão ao longo do último ano.

Coincidência ou não, todos os ilustres homenageados eram mortos há pelo menos uma década. A mais recente, *Vale Tudo – A Vida e a Fúria de Tim Maia*, de Nelson Motta, está há meses na lista dos livros mais vendidos. É bem escrito, rico em detalhes sobre a carreira e a vida pessoal do cantor e, sobretudo, muito divertido. Outro título que despertou grande interesse foi *Clara Nunes – Guerreira da Utopia*, do jornalista Vagner Fernandes, que embora tenha feito uma pesquisa bastante detalhada e rigorosa, tropeçou na tietagem explícita, exagerando nos elogios à sambista mineira e perdendo um pouco da objetividade na segunda metade da obra. A melhor biografia da última dentro do nicho da MPB, no entanto, foi o excelente livro *Maysa – Só numa Multidão de Amores*, do jornalista cearense Lira Neto, vencedor do Jabuti 2007 por *O Inimigo do Rei: uma Biografia de José de Alencar*. A partir de uma apuração cuidadosa, o autor reconstituiu, com ótimo texto e riqueza de detalhes, a dramática vida da cantora e compositora de clássicos como “Ouça” e “Meu Mundo Caiu”.

### O mais vendido

Pena que Tim Maia nunca tenha gravado “Exagerado”, primeiro grande hit da carreira-solo de Cazuza. Deveria tê-la incorporado ao seu repertório. A canção, a começar por seu título, descreve muito do que foi o cantor. Contenção, sutileza, discrição? Essas palavras não faziam parte do vocabulário do cantor, para quem

viver sem ser “no talo”, extrapolando todo e qualquer limite, não faria qualquer sentido. Seria o equivalente a vegetar.

O saboroso best seller *Vale Tudo – O Som e a Fúria de Tim Maia* não explora esse lado “barraqueiro” do cantor por puro sensacionalismo. É apenas realista: Tim era um estrupício e minimizar essas características de sua personalidade seria uma traição. E poucos o conheceram tão bem e de perto quanto o autor da biografia, o jornalista, compositor e escritor Nelson Motta, que soma às suas credenciais a vantagem de ter sido grande amigo de Tim.

Sebastião Rodrigues Maia, morto aos 55 anos em 15 de março de 1998, era um sujeito difícil de definir. Ler sobre ele é ótimo, contudo. Afinal, o artista foi – e continua sendo – um dos personagens mais inacreditáveis da cultura pop nacional. Provavelmente não tenha sido tão divertido, ou engraçado, ter convivido com ele e seus altos e baixos. Era dono de uma personalidade explosiva, ao mesmo tempo generosa e destrutiva, que Motta consegue dissecar sem partir para “psicologismos”. Muito pelo contrário. O tom é de conversa ao pé do ouvido, e, se não o julga, o autor também não o poupa ou justifica.

Compulsivo, Tim não via graça em nada que não fosse consumido em excesso. Drogas, álcool, comida ou sexo. Tinha de ser tudo a granel, de pacoteço. O preço que pagou por isso foi uma sucessão de êxitos e fracassos, paraísos e infernos. Nunca em doses módicas, é óbvio. Dissociar a carreira de Tim desses exageros,

sobretudo quando o assunto era drogas e álcool, seria impossível. A verdade é que ele era viciado e alcóolatra, e essas dependências tinham fortes conexões com a genialidade da sua arte, que parecia apenas florescer quando movida por esses combustíveis nada ortodoxos. Mas o livro não faz apologia ao vício, não. Deixa, inclusive, muito claro que foram esses hábitos, já metamorfoseados em doença, que o destruíram e o levaram à morte, decorrente de uma série de complicações, envolvendo problemas cardíacos, pulmonares e diabete.

### Projeto

Nelson Motta, hoje com 63 anos, sonhava escrever um livro sobre a vida de Tim há sete anos, mas, como costuma acontecer em casos nos quais o biografado é célebre, esbarrou em conflitos internos na família. Então, largou mão, lançou *Noites Tropicais* – no qual já contava algumas das peripécias do cantor – e mais quatro livros, sendo três obras de ficção. Em 2007, o projeto, antes no limbo, saiu do papel e, com as entrevistas feitas e o forte auxílio da pesquisa de Denilson Monteiro, chegou às livrarias. E é o maior sucesso de vendas. Merece o êxito.

Claro que deve haver gente reclamando que o livro dá atenção demais aos causos pitorescos, senão bizarros, da vida de Tim. Não são poucos, acreditem. Quem gosta de cultura pop brasileira, no entanto, vai se deliciar. Motta parte da histórias dos pais de Tim e passa

pelas primeiras experiências musicais na Tijuca (zona norte do Rio) com, entre outros, Roberto e Erasmo Carlos, indo desembocar na algo surreal viagem de limusine realizada em 1997 pelas cidades dos Estados Unidos. Entre 1959 e 1964, Tim havia vivido no país, de onde voltou deportado depois de ser preso pela quinta vez. A passagem do cantor pela América rende uma das partes mais interessantes de Vale Tudo. Tem toques, inclusive, de aventura beatnik, à la Jack Kerouac.

Mas a biografia não se resume apenas a um detalhamento do folclore em torno do cantor. O acompanhamento da carreira é feito ano a ano, passando pelo estouro de “Primavera” (escrita por Cassiano, outro grande nome da black music nacional) em 1969, dos vários sucessos obtidos nos anos 70 e 80, dos dois discos gravados durante a integração fervorosa à seita Universo em Desencanto, do repertório repetitivo entre as décadas de 80 e 90 e, no fim da vida, da realização do sonho de adolescente de gravar músicas da bossa nova.

### **Guerreira**

A grande cantora Elizeth Cardoso, a “Divina”, considerava Clara Nunes sua herdeira legítima. Alguns críticos a comparam até hoje a Carmen Miranda. Afinal, as semelhanças entre a Pequena Notável, portuguesa de nascimento, e a artista mineira são muitas: a origem humilde, a morte precoce, a paixão pelo samba e, sobretudo, a

exuberância de suas apresentações, dos figurinos de influência afro-brasileira à expressividade de sua linguagem corporal.

Às vésperas do 25.º aniversário de morte da cantora mineira, que fez o Brasil parar em abril de 1983, a Ediouro está lançando o livro *Clara Nunes – A Guerreira da Utopia*, biografia do jornalista carioca Wagner Fernandes, muito bem escrita e fartamente ilustrada. O livro, que tem tudo para ser um sucesso de vendas neste fim de ano, também serve como atestado não apenas da importância de Clara dentro do cenário musical brasileiro no século 20. Acima de tudo, a obra a reafirma como um dos mais perenes símbolos de resistência da cultura nacional de raiz.

Na segunda metade dos anos 70, a MPB, sobretudo o samba, havia sido praticamente banida das emissoras de rádio no país, dominadas pela música estrangeira. Os cinemas lotavam de gente louca para assistir ao rebolado de John Travolta em *Embalos de Sábado à Noite* e aos efeitos especiais embasbacantes do blockbuster *Star Wars – Guerra nas Estrelas*. A novela *Dancin’ Days*, de Gilberto Braga, quebrava recordes de audiência, pegando carona na onda disco que se espalhava pelo mundo. Como consequência direta dessa invasão da cultura pop anglo-saxã, cantores e compositores desta esquina do planeta tinham de brigar por espaço, para serem ouvidos. Sambistas, então, nem se fala.

Apesar de a indústria cultural parecer estar conspirando contra a

produção nacional naquela época, Clara permanecia soberana no topo das listas de LPs mais vendidos, álbum após álbum – e à frente de estrelas como Maria Bethânia, Gal Costa e Elis Regina. Foi a primeira brasileira a romper a marca de 300 mil cópias comercializadas de um só disco – e fez isso várias e sucessivas vezes ao longo da carreira. Acabou com o mito de de que cantora mulher fazia sucesso, mas não conseguia vender muitos LPs.

Apesar de todo esse êxito, Clara fez questão de ter papel fundamental na luta empreendida por nomes como João Nogueira, Candeia e Paulinho da Viola por mais espaço na mídia: foi uma das criadoras e grande militante do Clube do Samba, que, navegando contra a maré, ia às ruas em nome do direito do gênero musical brasileiro mais importante de existir e ser ouvido por seu público.

### **Pesquisa**

O grande mérito de Fernandes é, além de ter ouvido amigos, parentes, namorados e artistas contemporâneos de Clara, haver buscado fazer uma rigorosa pesquisa tanto sobre a vida da cantora quanto a respeito do contexto histórico em que ela viveu – procura situar o leitor no tempo e no espaço desde a infância pobre e sofrida de Clara no interior de Minas Gerais até o estrelato absoluto nas décadas de 70 e 80, no Rio de Janeiro. A descrição da infância e adolescência de Clara, aliás, é uma das mais interessantes e detalhadas do livro. Ficamos sabendo, por exemplo, que a cantora perdeu tanto o pai quanto a mãe antes dos 6

anos e foi criada pelos irmãos e irmãs mais velhos. Também descobrimos que ela não completou sequer o ginásio (atual 8.<sup>a</sup> série) e que, com apenas 14 anos, começou a trabalhar como operária de uma indústria têxtil em Caetanópolis (MG), localidade onde nasceu quando o município ainda se chamava Cedro da Cachoeira. Nessa época, em plena década de 50, Clara tornou-se, involuntariamente, o pivô de um crime que mudaria para sempre o rumo de sua vida. Seu irmão mais velho, mais conhecido como Zé Chilau, matou com uma faca um namorado da futura cantora. A vítima, um don Juan consumado chamado Adilson, havia colocado o nome de Clara na boca do povo da conservadora Caetanópolis. Contou a quem quisesse ouvir que havia “tido intimidades” com a adolescente. Embora anos mais tarde Zé Chilau tenha sido absolvido, sob a alegação de haver cometido o assassinato em defesa da honra da irmã, Clara teve de partir do interior para a capital, Belo Horizonte, onde anos mais tarde sua carreira de cantora daria os primeiros passos. Tudo para fugir da maledicência da cidadezinha.

Vagner Fernandes consegue, graças a uma habilidosa costura de depoimentos, documentos e citações de jornais, revistas e livros, reconstituir a trajetória de Clara. Do anonimato à fama. Dá especial atenção à procura da cantora por um estilo – dos boleros românticos ao casamento definitivo com o samba, passando por seu breve flerte

com a Jovem Guarda. No cerne dessa transformação, o biógrafo usa dezenas de páginas de seu livro para falar do envolvimento de Clara com a umbanda e argumenta que essa aproximação foi determinante no processo de gênese da Clara mestiça e mística que entrou para a história da MPB e permanece viva no imaginário popular.

### **Rainha da fossa**

Maysa era bem menos efusiva e mais atormentada do Clara. Morreu como viveu boa parte de sua vida. Só. Na tarde do dia 22 de janeiro de 1977, a cantora pegou sua Brasília azul, munida de algumas poucas peças de roupas, muitos cigarros, caixas de comprimidos para emagrecer, discos e fitas cassetes, e partiu para Maricá, no litoral do estado do Rio de Janeiro. Queria passar o fim de semana escutando boa música e pintando quadros, sua nova paixão. Nunca chegou. Ao tentar desviar de um outro veículo, o carro se chocou, a toda velocidade, em um cabo de proteção da ponte Rio-Niterói. Foi o que bastou para que o atormentado coração da diva parasse de bater. E seu mundo terminasse de cair. Ela tinha apenas 40 anos e estava ouvindo Frank Sinatra.

Para lembrar os 30 anos de morte de Maysa, duas biografias da artista, ambas escritas por jornalistas, foram lançadas ano passado. Pela editora Novo Século, chegou às lojas a um tanto superficial *Meu Mundo Caiu – A Bossa e a Fossa de Maysa*, de Eduardo Logullo. A Globo, por sua vez, lançou a excelente

*Só numa Multidão de Amores*, de Lira Neto. Tanto um quanto o outro, além de reconstituir a complexa trajetória de vida da cantora, têm uma missão ainda mais importante: resgatar sua obra e legado artístico, tentando repensar sua posição no cenário da história cultural brasileira, que nas últimas décadas condenou Maysa a um relativo esquecimento.

Maysa é uma daquelas personagens que, se não tivesse existido de carne e osso, deveria ter sido inventada por um ficcionista. Conforme a abordagem, poderia ser tanto a heroína de um melodrama caudaloso, com direito a amores, dores e final trágico, ou a protagonista de um romance existencialista, norteado pela discussão da tortura que pode ser, para alguns, a condição de estar vivo. O livro de Eduardo Logullo não se envergonha de, até certo ponto, optar pelo primeiro viés, mais rocambolês e menos preocupado em dissecar a complexidade da personalidade de Maysa ou em ouvir centenas de fontes para construir um retrato preciso e distanciado da diva. Escrito numa linguagem bem coloquial e rápida, que tenta imprimir à narrativa um ritmo quase cinematográfico, com direito a cortes, flashbacks e outros recursos da sétima arte, *Meu Mundo Caiu -- A Bossa e a Fossa de Maysa* não chega aos pés da obra de Lira Neto, mais aprofundada e vocacionada para se tornar livro de referência, fruto de uma pesquisa detalhada de dois anos.